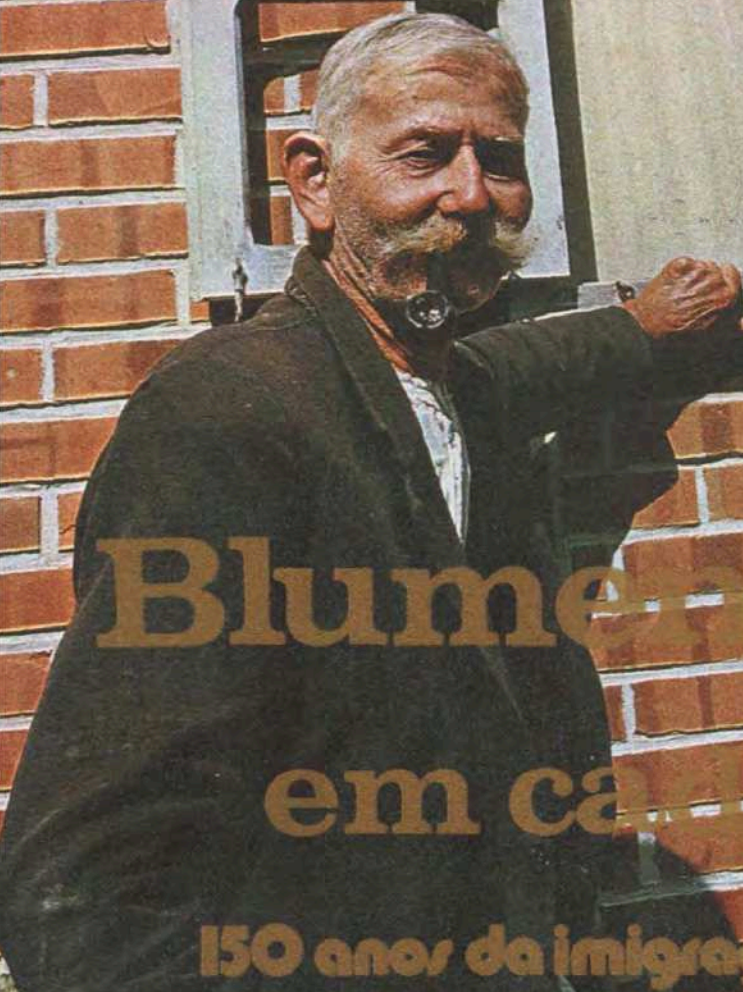


TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO Nº 48
REG. DR. S.C.

ELES ACREDITARAM AO BRASIL



Blumenau
em campos
150 anos da imigração alemã

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau

Tabacos Blumenau S/A. - Blumenau

Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau

Artex S/A. - Blumenau

Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz - Blumenau

Artur Fouquet - Blumenau

Electro Aço Altona S/A. - Blumenau

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau

Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kuehnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque

Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau

Malharia Blumenau S/A. - Blumenau

Gráfica 43 S/A. - Ind. e Com. - Blumenau

Consulado Alemão - Blumenau

Blumênau

em Ladernos

T O M O X V

SETEMBRO DE 1974

Nº. 9

Bibliófilos e Bibliógrafos (I)

OSWALDO R. CABRAL

O Dr. José Martins Guedes Pinto, Juiz de Direito aposentado e residente há alguns anos em Joinville, desde muito moço, quando ainda estudante, cultivava um raro hobby, revelador do seu grande amor pelas coisas da nossa terra, que também lhe serviu de berço, qual seja a pesquisa e a catalogação de todos os livros, folhetos, memórias, comunicações ou quaisquer documentos literários, sobre quaisquer assuntos, escritos por catarinenses, em todos os tempos e em todas as línguas, tenham sido eles históricos, geográficos, poéticos, econômicos, simplesmente literários ou totalmente estatísticos, complicadamente doutrinários ou massudos relatórios.

Magistrado, a quem a saúde não permitiu permanecesse a serviço da Justiça, na inatividade que lhe foi concedida encontrou aplicação das horas tranquilas do seu lar para a pesquisa e, assim, a sua obra, em 1964 já se encontrava, por assim dizer, "em dia" e totalmente redigida. Infelizmente, como tem acontecido a muitas outras obras de real importância, não encontrou, em nossa terra — e muito menos fora dela... — quem lhe editasse o resultado de seu demorado labor de vinte anos. Não é o único, dentre os catarinenses, a quem tal acontece. Vieira da Rosa,

Henrique Boiteux, Carlos da Costa Pereira — nomes insignes das nossas letras científicas e históricas — possuem obras valiosas de sua autoria, encalhadas, em gavetas de repartições que prometeram publicá-las, ou devolvidas às respectivas famílias... por falta de verbas para o cumprimento de promessas feitas ou por desânimo dos interessados em ver publicados no Estado a valiosa contribuição dos seus ilustres filhos, resultantes de pesquisas demoradas sobre assuntos de sua História natural, biologia, geografia e história política. Boiteux, o Almirante Henrique, deixou uma preciosíssima obra, toda por ele ilustrada a aquarela, sobre os pássaros nativos de Santa Catarina — uma riqueza de detalhes e de beleza! — pássaros que já quase desapareceram, exterminados pelos impiedosos e gulosos comedores de passarinhadas com polenta. Até hoje, dado o elevado custo da obra para ser editada, mesmo com a abdicação dos direitos autorais, não se conhece em Santa Catarina o trabalho, que raros amigos e privilegiados puderam contemplar. Nem sei, mesmo, por onde andam os preciosos originais e suas belas ilustrações... Já não me recordo, ao certo, qual a obra deixada por Vieira da Rosa, fruto das suas constantes pesquisas de geógrafo, que também jamais foi vista em letra de fôrma. Carlos da Costa Pereira deixou um histórico e insuspeito relato sobre aspectos políticos da revolução de 1893, obra que foi, até, adquirida pelo Estado — e que até hoje não foi publicada. Os originais de Antônio Taulois de Mesquita, o nosso único genealogista, ainda repousam na sua escrivaninha, aos cuidados de sua família — sem que jamais o interesse de alguém se mostrasse para publicá-la, bastando a muitos que lhe forneçam dados... para concorrer a qualquer ginkana... Aujor Ávila da Luz, que cultivava, também, a genealogia, mas nada deixou, que se saiba, no ramo, deixou, entretanto, um histórico da Independência em Santa Catarina interessantíssimo, fruto de uma pesquisa tão honesta quão completa, magnificamente escrita, e que tive a oportunidade de ler, graças à amizade que nos aproximava, de colegas de profissão e confrades de trabalhos históricos. Essa monografia, excelente - tão excelente que foi, com a maior justiça, premiada em concurso - ninguém conhece, o que é uma pena...

Não é, pois de admirar que a obra do dr. Guedes Pinto acabe sendo incluída no ról dos escritores frustados, apesar da obra notável que realizou. Evidentemente, a sua obra não serve para ser lida nas horas vagas, nas folgas de fins de semana,

nos momentos de enfastiado spleen. É obra de erudição, pesada, de sistemática pesquisa destinada à consulta dos estudiosos, ponto de balisamento e de reparo para estudos que demandam fundamento histórico, sejam de que natureza forem, naturalmente relativos a Sta. Catarina,

Em 1964, Guedes Pinto já contava com 6 mil verbetes a respeito dos autores catarinenses, e suas obras, bem como de escritores de algum modo ligados à vida social, literária, política ou econômica de Santa Catarina — Autores, nomes das suas obras, editoras, número de edições, assuntos, número de páginas, de ilustrações, de mapas, ano das edições, todas as informações, enfim, necessárias a quem estuda e escreve. Hoje, um Aditamento inclui mais 1006 verbetes semelhantes — totalizando mais de 7 mil obras relacionadas. A mais antiga, narra-nos Guedes Pinto, das escritas aqui, é a Memória Política da Capitania de Santa Catarina, editada em Lisbôa, em 1829 — e a ela seguiram-se mais de 50 obras nos vinte e um anos que se seguiram antes de se chegar à segunda metade do Século XIX.

Depois de 20 anos de trabalho, não desanimando em prosseguir na pesquisa, embora desanimado no tocante a conseguir editar, Guedes Pinto sabe que não haverá editor particular que lhe coloque o livro no mercado. Os livreiros procuram obter lucros com as suas edições, naturalmente, pois não vivem de brisa — e uma obra de tais características não se tornará um best-seller capaz de levar o editor sequer a resarcir o capital empregado, quanto mais obter lucro. Mas, obras que tais não se destinam a dar lucros, nem a quem a edita como a quem a escreve. Para quem a escreve é a sua contribuição amorosa ao torrão do seu berço; o lucro visado é o intelectual, além do reconhecimento pelo trabalho executado — e só o poder público tem a capacidade e o dever de empregar um capital sem esperanças de juros líquidos, embora numerosos em lucros culturais.

Em verdade, eu não estou fazendo qualquer apêlo. Estou registrando os fatos. E não faço apêlo algum porque não ignoro a estreiteza do orçamento de um Departamento ou de um Conselho de Cultura em nosso Estado. O que, sem dúvida alguma, é uma pena, lastimável mesmo, pois nos enfileiramos entre os Estados de menor produção literária no país...

A PRESENÇA ESPIRITUAL DO DR. HERMANN BLUMENAU

Por Gustavo Konder

Por ocasião das festas comemorativas do “Dia do Colono”, realizadas em Julho de 1932, com a passagem de inumeros carros alegoricos, pitorescos e enfeitados, transitando pela rua 15 de Novembro de Blumenau até a praça Dr. Hercilio Luz, defronte ao vetusto prédio da Prefeitura Municipal, o meu saudoso pai — Marcos Konder —, como convidado especial, proferiu, diante do monumento da fundação da colonia, uma longa palestra, que foi aplaudidissima pela multidão ali presente.

Naquela época eu tinha 27 anos e acompanhei interessado a todos os festejos, organizados pelos velhos e tradicionais blumenauenses, hoje quasi todos desaparecidos. Recordo-os com muita saudade, pois eram pessoas humildes, porém alegres e extrovertidas.

Para não enfatizar os meus amaveis leitores, vou inserir apenas as ultimas palavras do discurso do meu pai, onde ele se refere ao inesquecivel fundador e filosofo Dr. Hermann Blumenau:

“Meus senhores. Si é verdade que os mortos governam os vivos, o espirito do Dr. Blumenau se acha também nesta hora entre nós. E ele, tal qual há oitenta anos passados, fala neste dia ao seu povo e lhe diz pela boca de um dos seus mais humildes admiradores!

Blumenauenses! Honrai a minha memoria, a memoria do primeiro colono na manutenção incorrupta e incorruptivel da obra que eu fundei com o suor dos vossos pais e avós! Protegeei toda a atividade honesta dentro da vossa comuna, protegeei sobretudo a lavoura, fundamento desta colonia no passado, sustentaculo do presente e segurança do futuro. Acolhei, de braços abertos, sem distincção de credos e de raças, todos os que queiram cooperar lealmente convosco no desenvolvimento material e cultural desta região! Orientai sempre a vossa conduta pelos principios que eu preguei: — da honestidade e da justiça, do trabalho e da ordem, não permitindo que o materialismo moderno desfibre o vosso carater e afrouxe a vossa energia moral! Conservai as vossas tradições e costumes, e apego às primorosas qualidades e às excelsas virtudes dos vossos antepassados, certos de que será essa a contribuição mais valiosa para o bem dos vossos descendentes e para a formação da futura raça brasileira! Cultivai a solidariedade, nas horas de dôr e nos instantes de alegria, nos dias de sol e nas noites de tempestade, cultivai a solidariedade na certeza de que unidos sereis fortes e respeitados, e unidos vencereis serenamente todos os obstaculos! Pregai bem alto a vossa Fé e o vosso Amor: a fé em Deus que guiou os vossos primeiros passos e será no presente e no futuro o vosso melhor refugio: a fé nos vossos destinos, pela perseverança no trabalho e pelo heroismo no sacrificio! Pregai bem alto o vosso amor ao torrão natal abençoado, amor bairrista na acepção mais elevada e penhor seguro do vosso amor

ao Estado e demonstração iniludível do vosso amor ao Brasil! Amor ao Brasil, a este grandioso país que vossos pais defenderam na guerra do Paraguai e que vós defendereis também quando preciso fôr com o vosso sangue e com a vossa vida! Amaí com todas as fibras do vosso coração e com todas as sublimidades da vossa alma esta terra bendita do primeiro colono, colaborando assim para sempre que se mantenha por todos os tempos "livre integra e coesa" esta grande Patria:".



JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA SIMAS

Dos "Alfarrabios" de J. Mendes da Costa Rodrigues

Nasceu na rua do Principe da cidade do Desterro da Ilha de Santa Catarina no ano de 1821, filho legítimo de Antônio Joaquim da Silva Simas, o melhor mestre ferreiro que tem havido naquela cidade, conhecido por "Antônio Viúvo", que tão hons serviços prestou ao seu país, à sua familia e à pobreza da localidade onde residiu e de sua mulher Rita Maria Garcia, irmã de Tomás Francisco Garcia, José Francisco Garcia e Francisco José Garcia, rico proprietário e negociante da cidade de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

José Antônio era irmão de Daniel Antônio da Silva Simas, o moço mais fermoso e faceiro da época de 1840 em diante que pisava nas ruas daquela cidade e de Antônio da Silva Simas, habilidoso e prestimoso mestre carpinteiro da ribeira, em cujo estaleiro sempre viveu ocupado a fazer botes, escaleres e lanchas primorosas. É pai de Jacinto Antônio da Silva Simas, que exerce naquela cidade o cargo d'Escrivão das Execuções da Fazenda Geral e de José da Silva Simas, mestre carpinteiro que tomou conta do estaleiro do velho e doente pai.

Teve mais José Antônio uma irmã de nome Maria, que foi mulher de Joaquim Soares da Silva Ramos, natural do Rio Cubatão e foi uma das moças mais formosas e virtuosas que produziu aquele bairro denominado "Figueira". Soares também era um jovem bonito, faceiro e rico. Vindo à cidade ficou encantado pela bela moça, tão clara como a neve e tão rosada como a própria aurora. Desde logo a pediu em casamento e, casado, a levou para a sua fazenda no dito Rio Cubatão aonde possuía escravatura, cujas riquezas herdara de seus pais. E tudo esbanjou com muitas demandas judiciais envolvendo nelas o próprio sogro que gastou alguns contos de réis no intuito de alcançarem terras devolutas e complicadas com posseiros. Soares ficou pobre e sobrecarregado de numerosas filhas e um filho e, por cúmulo de maior desgraça, perdeu a formosa e virtuosa boa mulher. Oprimido de trabalhos e mesquinha desgraça, recorreu ao cunhado José Antônio, vindo morar com a infeliz familia no sertão do Rio dos Bobos, onde foi casando o filho e as filhas e ele também contraiu novas nupcias com uma filha de João Pereira, Está sepultado no cemitério desta Vila de Tijucas.

José Antônio da Silva Simas, no mes de março de 1841, tomou estado de casado com Ana Francisca da Costa Rodrigues.

O Contestado e a Colonização

C. GAERTNER

Em 1912, excluído o território litigioso em poder do Paraná, Santa Catarina tinha aproximadamente 74.156 km quadrados e uma população de cerca de 420.000 habitantes, o que nos dá uma densidade média de 57 habitantes para cada 10 quilômetros quadrados. Ainda assim, a região mais povoada era a de Serra-Abaixo — Litoral e Vale do Itajaí — ao passo que no Planalto a população era rarefeita. A cidade de Lages teria uns 10.000 habitantes, a vila de Curitiba, uns 600 e Campos Novos uns 500.

Disse o General Setembrino de Carvalho no seu relatório apresentado ao Ministro da Guerra: — “O grande trato de terras que vai da linha Iguacú-Rio Negro, ao norte, até o rio Uruguai, ao sul, numa faixa de muitas léguas, representa, por bem dizer, um deserto. — Só uma parte da zona conflagrada é, relativamente, povoada. E salvante as exceções de raras fazendas e mais raros povoados, que por ali existem, longamente separados uns dos outros, ou então algumas casas à borda das poucas estradas de rodagem, caminha-se longas horas sem encontrar uma única habitação.”

No trajeto da construção da estrada de ferro, a zona mais povoada era a do ramal de São Francisco por contar com Canoinhas, então com 500 habitantes, fundada nos últimos dias do Império, vilada em 1911 por influência do coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, e onde já se explorava comercialmente a erva-mate. O Vale do Rio do Peixe era praticamente despovoado.

A Companhia Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande, concessionária de uma faixa marginal de quinze quilômetros a cada lado da ferrovia, promoveu a sua demarcação e loteamento, fundando as Colônias Caçador, Rio Preto, Rio das Antas, Quinze de Novembro, Rancho Grande e outras. Respeitou as fazendas medidas aí existentes, como a dos Pardos, São Roque, dos Carneiros, de Francisco Corrêa de Mello, dos Thibes, de Tomaz Padilha, Procópio Luiz da Costa, e entregou aos herdeiros, demarcadas, as terras doadas aos veteranos da guerra do Paraguai, como a José Timóteo Pontes, Sebastião Corrêa e João Corrêa, conforme se vê nas plantas dos imóveis.

Mas a concessão atravessava uma zona povoada por uma densa floresta de vetustos e gigantescos pinheiros e de verdes erveiras das melhores variedades, formando, então, um dos mais belos conglomerados da araucária e da illex, infelizmente esgotados ou quase totalmente destruídos. Os ervais eram tão densos que se passava de árvore para árvore pelos ramos. Isso atraiu para a região uma leva de intrusos, que invadiram as terras para a colheita do mate, contando com o transporte barato, rápido e eficiente da ferrovia.

Em Calmon e Três Barras a industria da madeira de pinho estãva sendo explorada pela "Southern Brazil Lumber and Colonization Company". Era, entretanto, um ramo de negócio que não interessava ao incola, por depender de maquinaria, de mão de obra especializada e de bastante capital. Os primeiros colonos estrangeiros que se estabeleceram nos lotes adquiridos não ficaram satisfeitos com a existência dos pinheiros, que sombreavam as terras de cultura e impediam o pastar dos animais, coalhando os poteiros com as espinhentas samas, grimpas ou sapês como eram denominadas. Mandavam derrubá-los, pagando 2\$000 por árvore!

Mas, se o pinheiro não interessava ao incola a não ser para extrair a sua madeira lascada, interessava-lhe e muito a erva-mate, cuja colheita dependia apenas do facão "marca touro", do sapêco e do cariço. Houve tambem a intrusão de grupos armados e temidos. José Antônio de Oliveira, mais conhecido por Zéca Vacariano, invadiu as terras situadas à margem direita no rio Peixe, foz do rio Preto onde está situada hoje a vila de Ipoméia e, com o seu grupo de capangas, dedicou-se à colheita do mate. Às reclamações de Mikochevski, Diretor da Colônia, respondeu com um tiroteio à casa da Direção, em Rio das Antas. Por fim, foram expulsos do imóvel pela força policial do Subdelegado Lucas Ribeiro, permitindo assim que a região começasse a ser colonizada. — Já a 20 de outubro de 1909, o grupo de Vacariano atacara o trem pagador, 12 quilômetros ao sul da Estação Rio das Pedras (hoje Videira), matando dois guardas, ferindo o pagador Henrique Baoni e apoderando-se de 300 contos de réis. Mais tarde, quando fui apresentado a Vacariano pelo Capitão Pinheiro, Delegado de Porto União, disse-nos ele, na concorrida roda de chimarrão na calçada da sua casa, que atacara o pagador para se cobrar de 30 contos que a Companhia lhe devia e se negava a pagar.

Um outro intruso, Andréa Jarentschuck, filho de poloneses, vindo de Barra Feia, perto de Entre Rios, Estado do Paraná, casou-se com uma filha do caboclo Bertolino e estabeleceu-se no lugar Despraiado, Colonia Quinze de Novembro. Mas, não dispondo de forças para ali se manter, aderiu aos fanáticos com o sogro e seu vizinho Miguel Fernandes de Lara, passando Jarentschuck e Lara a integrarem o famoso esquadrão dos "pares-de-frança". Tomaram parte no massacre e incêndio de Calmon e de São João. E, interessados nos ervais da Colônia Rio Preto, fronteira à de Rio das Antas, obtiveram do seu chefe, Francisco Alonso de Souza, uma intimação para que os colonos de Rio das Antas abandonassem as terras sob pena de serem atacados. Como não fossem atendidos, Chico Alonso assaltou Rio das Antas a 2 de novembro de 1914. Os colonos resistiram. Os jagunços foram repelidos com a perda de 20 homens, inclusive seu chefe Chico Alonso, abrindo, dessa maneira, a vaga para a promoção do seu companheiro e lugar — tenente Adeodato Manoel Ramos, que se tornou o mais sanguinário de todos os chefes de reduto. — Dizem que Chico Alonso recebeu o tiro de misericórdia que lhe desfechou o colono alemão August Solle, quando o encontrou agonizante na mata. A Colônia tambem pagou o seu tributo de sangue com a perda de sete lavradores e uma menina. — Andréa Jarentschuck morreu brava e estupidamente tentando abrir caminho, a golpes de facão, através do arame farpado, que reforçava as trincheiras de sapa ao redor da casa comercial de Jacob Rau. —

Miguel Fernandes de Lara sobreviveu e, mais tarde, já esquecidos os acontecimentos, voltou a residir na Colônia Rio Preto, onde o conheci.

Houve, efetivamente, expulsão de intrusos, não de posseiros. É obvio, entretanto, que entre essas expulsões se praticassem algumas injustiças. Fatos como esse ainda ocorrem nas valorizadas terras do Norte do Paraná, haja vista os acontecimentos recentes em Pato Branco, Francisco Beltrão, Cascavel, Medianeira, Cafelândia, Matelândia e outros municípios, sem, contudo, provocarem sublevações.

Além disso, os pródromos dos acontecimentos tratados como "Campanha do Contestado", não ocorreram nos terrenos da concessão da Companhia Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande, mas bastante longe da via férrea e sua colonização, a mais de 90 quilômetros, no Faxinal dos Padilhas, fazenda do coronel Francisco de Almeida, em Campos Novos, e depois em Taquaruçú, em terras do coronel Henrique Pais de Almeida Junior, no Município de Curitiba.

Os sediciosos aproximaram-se da via férrea — ao norte, em busca de lugares para resistência nos socavões das serras, — e a oeste, em busca de víveres e outras mercadorias esgotadas.

Nessa época o movimento, de tendência místico-religiosa, já estava desvirtuado com o ingresso de bandoleiros e rapinantes e de homens dos mais díspares motivos, como Antônio Tavares e Aleixo Gonçalves (questão de limites), Bonifácio Papudo (oposição ao coronel Manoel Vieira, de Canoinhas), o marujo alemão desertor Henrique Wolland (espírito de aventura), etc.

Os bilhetes colhidos por Demerval Peixoto e citados por Herculano Teixeira de Assumpção (Campanha, vol. I, pág. 245), pelo nosso historiador Oswaldo Cabral (João Maria: 215). Vinhas de Queiroz (Messianismo: 200), Rui Facó (Cangaceiros: 49) e outros, apareceram em setembro de 1914 e janeiro de 1915, já no fim do movimento, muito depois que os sangrentos acontecimentos de Taquaruçú transformassem o devoto rezador, respeitador de mulheres e crianças, parceiro dos torneios e cavalhadas com facões de pau, no desesperado combatente, sub-reptício e traiçoeiro, faminto e odiento, buscando a vingança de sangue a qualquer preço.



Heinz Geyer Revive no Palco Cenas da Vida dos Imigrantes

Uma idéia do maestro Heinz Geyer, desenvolvida através dos anos, fêz nascer uma peça teatral que retrata com fidelidade a vida e os lances trágicos e heróicos da vida dos primeiros imigrantes.

Embora já tenha sido representada por várias vezes, seu grande momento foi alcançado na noite do dia 25 de julho, quando foi encenada no Centro Cultural 25 de Julho, como parte dos festejos comemorativos dos 150 anos da imigração alemã no sul do Brasil.

HOMENAGEM AO PIONEIRO

Em prosseguimento aos festejos comemorativos do sesquicentenário da Colonização Alemã no sul do Brasil, teve lugar às 9 horas da manhã do dia 25 de julho, na praça localizada na entrada da rua São Bento a inauguração do busto de Pedro Wagner, pioneiro da colonização em Blumenau. Na ocasião, perante grande número de pessoas e descendentes do homenageado, usou da palavra o Senhor Frederico Carlos Allende, diretor executivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau", (organizadora da homenagem) que em breves palavras destacou a personalidade de Pedro Wagner e a razão d'aquela homenagem.

A seguir passou a palavra ao Dr. Guilherme Renaux, neto de Pedro Wagner, que pronunciou as seguintes palavras:

"É com a mais viva alegria e tomado da mais forte emoção, que aqui venho participar desta grandiosa e sincera homenagem à memória do

Busto de Pedro Wagner



meu inesquecível avô, o sr. Pedro Wagner.

Pioneiro da colonização alemã em Santa Catarina e, mais precisamente, no Vale do Itajaí, nestas plagas ele já se radicava doze anos antes da vinda do ilustre fundador deste município, o bravo e preclaro Dr. Hermann Blumenau.

Chegou ao Brasil, em companhia de seu pai e irmãos, no ano de 1828. O navio a vela que os conduziu, aportou em Florianópolis, onde permaneceram alguns meses antes de se investirem na posse da colônia a eles destinada em São Pedro de Alcântara.

Depois de algum tempo, percebendo Pedro Wagner que as terras de São Pedro não satisfaziam, transferiu-se para esta região, onde iniciou suas atividades agro-pastoris.

Aqui se radicou, labutou, constituiu família. Sete foram os filhos de seu primeiro matrimônio, com Cretchen Haendchem.

Já em segundas nupcias, com Frederica Metzner, doze foram os rebentos nascidos e dentre eles minha saudosa mãe, Selma Wagner Renaux.

Pedro Wagner, "o pioneiro", como era conhecido, veio a falecer com a avançada idade de 83 anos, em 23 de novembro de 1901.

Este, senhores, um sucinto relato da vida do homenageado de hoje, que a bondade e o espírito de justiça do agora também já saudoso José Ferreira da Silva, cuja memória também reverencio nesta oportunidade, elegeu para que sua efígie em bronze, fôsse neste local, um marco indelevel da grandiosidade da colonização alemã em Santa Catarina.

Como descendente de Pedro Wagner, quero transmitir a todos que acorreram a esta significativa sole, nidade, o meu mais profundo reconhecimento.

Deixo a minha gratidão ao Prefeito Municipal Sr. Felix Theiss e aos edís blumenauenses, por haveram concorrido para a realização de tão altruístico ato de homenagem póstuma e, em especial, o meu mais sincero agradecimento ao Sr. Federico Carlos Allende, que com tanta sapiência e brilhantismo dirige hoje a Fundação "Casa Dr. Blumenau", por haver encampado a idéia de seu antecessor, promovendo esta festa de gratidão e carinho que muito fundo fala em nossos corações.

DISSE "

Suas palavras foram muito aplaudidas pelos presentes.

A seguir usou da palavra o Senhor Dr. Felix Cristiano Theiss, muito digno Prefeito Municipal que, em feliz improviso, enalteceu a figura

do homenageado e, ao mesmo tempo, a todos os colonizadores do Vale do Itajaí, cujo dignificante exemplo seguiram, lutando pela crescente grandeza de Santa Catarina.

Muito aplaudido, terminou o Senhor Prefeito Municipal sua oração, cumprimentando os descendentes da família Renaux e os demais que ainda residem neste município.

Coube às Exmas. Senhoras: Ruth Yvone Renaux Deeke e Ilke Maria Renaux Niemeyer, bis-netas de Pedro Wagner, descerrarem o pano que cobria o busto de Pedro Wagner, debaixo dos acordes musicais da Banda Municipal, que se achava presente às festividades.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" esteve presente, representada por membros do Conselho Curador, que depositaram ao lado do busto, uma rica "corbeille" de flôres,

Fêz-se assim justiça ao pioneiro da colonização alemã em Blumenau.

Centenário dos Italianos em Santa Catarina

Mario Bonatti

Esta pequena nota quer ser uma pequena homenagem a José Ferreira da Silva, um catarinense ao qual ficaremos sempre devendo gratidão. Modesto, estudioso deixou realizações através da pena e da ação onde se reflete sua figura de um apaixonado pelas coisas características e belas de nosso estado. Recordo como se queixava da falta de interesse de muita gente pelas realidades históricas.

É minha intenção lembrar através de BLUMENAU EM CADERNOS um acontecimento que interessa o Vale do Itajaí, o Brasil e também o norte da Itália porque foi de lá que vieram os imigrantes que há cem anos povoaram as terras de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, ao lado do contingente alemão.

A história é simples e heróica ao mesmo tempo. A guerra franco-prussiana, exigindo sempre maior número de alemães na luta, fez com que se apelasse para a Áustria pa-

ra preencher as vagas do contrato de imigração com o governo do Brasil. O norte da Itália, antes da guerra do 1818, pertencia à Áustria embora se falasse o italiano por um grande número de habitantes. É por isso que os "italianos" que vieram para o Brasil entre 1875 e 1881 em grande número tinham o passaporte austríaco. São muitas vezes chamados também tirolezes porque provinham do Tirol italiano. Muitos nomes tem estrutura germânica como Frainer, Beber, Tafner, Stingen, Slomp entre muitos outros mas são todos falantes de italiano e o nome revela uma realidade de fronteira onde os limites etnicolinguísticos são sempre imprecisos. Sobre o tirol, a região de origem comum de todos os "italianos" do Vale do Itajaí, está-se formando uma secção bibliográfica especializada no Museu da Fundação Casa Dr. Blumenau.

Rio dos Cedros e Rodeio foram os dois núcleos principais desta

primeira onda de imigrantes do Tirolo, denominados na Itália trentinos porque era Trento o centro da região de onde provinham: Mattarello, Vigolo-Vataro, Pergine, Civezzano, Levico, Samon, Cembra, Fornace, Mezzacorona. Depois de Rio dos Cedros e Rodeio foram povoadas as regiões de Ascurra (1876), e Luis Alves e Nova Trento ao mesmo tempo que levas de vênéticos, na época também cidadãos austríacos, povoavam o sul do estado.

A vinda do contingente austríaco é fruto do decreto 5.663 de 17 de junho de 1874, assinado por Joaquim Caetano Pinto Junior em nome do governo de Sua Majestade o Imperador do Brasil, autorizando a entrada de mais 100.000 imigrantes no país. Tudo leva a crer que se pensasse inicialmente em substituir os alemães dos estados germânicos por "alemães" austríacos.

A primeira turma, composta de vinte famílias, aportou em Itajaí a 15 de agosto de 1875, após mais de um mês de viagem. (Até que se estabeleça outra data, creio que poderia ser escolhida esta como a data do centenário). Seguindo ao longo dos principais afluentes do Rio Itajaí-Açu (Itajaí-Mirim, Benedito, Rio dos Cedros, Ribeirão Rodeio, Rio do Braço), Rio Tubarão e seus afluentes, os colonizadores ou "colonos" dedicaram-se desde o início a culturas que já conheciam na Itália: milho, uva, arroz. A segunda turma de italianos chegava a 15 de setembro trazendo 34 famílias e a terceira a 28 de outubro com 60 famílias. Cada colono recebia uma colônia, medindo geralmente entre 20 a 25 hectares apenas. Começaram logo as derrubadas e as construções das primeiras casas de palmitos rachados

e a fertilidade da terra virgem constituiu-se em boa propaganda para novas levas de conacionais.

Em 1876 vieram milaneses, veroneses, e venetos em menor número, que se estabeleceram sobretudo ao longo do Ribeirão São Paulo iniciando a localidade que é hoje o município de Ascurra. Em 1878 outra turma provinda de Bréscia, Treviso e Veneza tentaram localizar-se na atual região de Subida e Lontras mas desistiram e foram povoar a localidade conhecida por Valnova, perto de Ascurra, tendo-se alguns estabelecido também em Aquidabã, atual Apiúna e em Diamante, perto de Rodeio.

De Rio dos Cedros, de Rodeio e também de Luis Alves partiram no final do século muitos italianos para Jaraguá do Sul (Rio Cerro, Corupá e Guaramirim atuais). Devastadas as terras cultivadas sem a menor tecnologia de conservação de solos e aumentando o número de homens, tornou-se necessário também expandir mais vigorosamente a incipiente onda emigratória para outras regiões do estado e foi aí que foram povoadas as terras altas de Taió, Rio do Oeste e Laurentino por elementos quase exclusivamente trentinos ou tirolezes, reconhecíveis ainda hoje pela língua ou dialeto trentino igual ao de Rodeio e Rio dos Cedros.

Urussanga, Criciúma e Tubarão foram o centro de outra região de italianos aos quais apenas acenamos para limitar-nos ao Vale do Itajaí de que temos maior conhecimento pelos estudos realizados que deverão ainda este ano sair em volume publicado pelo governo de estado sobre a aculturação linguística. Voltaremos ao assunto.

O Sindicato Farquhar e Santa Catarina

por Walter F. Piazza

Percival Farquhar era um engenheiro norte-americano, formado pela Universidade de Yale, em 1884, e mereceu uma biografia de CHARLES A. GAULD, "*The last titan: Percival Farquhar — american entrepreneur in Latin America*", Institute of Hispanic American and Luso-Brazilian Studies, Stanford University, 1964.

Dedicou-se à aplicação de capitais norte-americanos na América Latina, construindo obras tais como a Havana Electric Railway, a Cuba Railroad, a Guatemala Railway, a Rio de Janeiro Tranway, Light and Power Co., o porto do Rio Grande; o porto do Pará, a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Dedicou-se, fundamentalmente, ao problema da extração e exportação do minério de ferro, tendo obtido o controle acionário da Itabira Iron Ore Co. Por sua ação é analisado em ANTERO FREITAS DO AMARAL, *Sindicato Farquhar. Força e grandesa, Assalto e conquista. Nacionalismo*. Rio de Janeiro, 1915.

Em Santa Catarina vai ser sentida a sua ação através de três tipos de empreendimentos de longo alcance social-econômico: a Brazil Railway Company (Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande) e as suas subsidiárias, a Brazil Development and Colonization Company (cujas áreas de atuação são Vale do Rio do Peixe e o extremo-oeste catarinense), e a Southern Brazil Lumber and Colonization Co., responsável pela implantação da maior serraria da América do Sul, onde, hoje, se situa o município de Três Barras, além de outra em Calmon, já no vale do Rio do Peixe.

Pois bem, a ação do Sindicato Farquhar ia mais longe.

Na Biblioteca Nacional, existem vinte e cinco gavetas contendo documentos que pertenceram ao arquivo de Percival Farquhar. Muitas destas gavetas, referentes ao problema siderúrgico brasileiro e notadamente à Itabira Iron e à Estrada de Ferro Vitória-Minas estão inventariadas, sucintamente.

Foi vasculhando estas gavetas que dei com uma documentação relacionada a Santa Catarina e que, de certa forma, chamava a atenção de Percival Farquhar para o ferro do norte-catarinense.

Trata-se de um conjunto de carta, relatório e mapa enviado aquele empresário, pelo sr. Bertholdo Hauer, de Curitiba, que se fez acompanhar de amostras de minério de ferro, existente no "Domínio Dona Francisca", ou mais precisamente na Estrada Schroeder e na Fazenda Rio da Prata. Isto em 1920.

Como se depreende nas anotações a ação de Farquhar não se fez valer por serem de pequena monta tais jazidas e não terem rentabilidade econômica.

Este foi, pois, mais um contato dos interesses de Farquhar com a realidade catarinense!

COMO SE FESTEJAVA EM BLUMENAU A FESTA DE NATAL

(Carta de um dos primeiros colonizadores a seus parentes na Alemanha)

BLUMENAU, em 1º de janeiro de 1867

Querida irmã!

Justamente há um mês recebi tua amavel carta do mês de agosto e não podes imaginar quais os sentimentos de saudades que a mesma despertou em todos nós.

Não é que não estejamos gostando desta terra, mas tudo que tu nos escrevestes nos é tão familiar, que parecia que estavamos presentes aos passeios e aos afazeres que nela nos relatastes.

O serviço da colheita das uvas, o sabor do môtto de maçã, a colheita do trigo, tudo isto já ha tempo não experimentamos mais aqui, porque tudo isto aqui é desconhecido, mas no entanto, com tuas narrativas revivamos toda a nossa infância e adolescência e, enquanto vocês lá entravam no outono e esperavam o rigor do inverno, que, por sinal, também tem suas belezas e distrações nós aqui sofriamos as intempéries da estação chuvosa com que se despede o inverno brasileiro e se anuncia a primavera, transformando as estreitas picadas em valetas lamacentas e os riachos em torrentes perigosas. — Si a chuva impiedosa e um vento cortante, nos fazia sentir muito mais frio, quando trabalhavamos na roça e na tarefa diária de buscar a ração para os nossos animais, do que quando na velha pátria nos divertiamos sôbre os lagos congelados ou deslizando em trenós pelas colinas cobertas de neve, uma semana depois já um sôl escaldante aqui nos assava os braços nús e as aguas quentes das fossas produziam a temida "frieira" entre os dedos dos pés, de forma que não tinhamos, à noite, o descanso de que tanto careciamos, para poder enfrentar o trabalho árduo do dia seguinte, tanto mais que os mosquitos por sua vêz não nos deixavam cair no sôno reparador. A febre causada pelas queimaduras do sol, a comichão da "frieira" nos dedos dos pés e o zumbido constante dos mosquitos que procuravam as partes descobertas de nosso corpo para saciarem sua sêde de sangue, dando em troca o seu veneno que nos causava uma comichão irritante, transformavam a noite tropical, que tantos poetas em seus versos panegíricos, em verdadeiras noites de suplicios comparáveis ás que Tântalos teve que suportar. Não pense que estou exagerando, antes tenho deixado de relatar pequeninas coisinhas e contra-tempos que nos aborrecem. Mas apesar de tudo isto, gosto imensamente deste torrão de terra que antes era uma selva hostil e traiçoeira e que pelos esforços de meus braços e minhas mãos que agora se ostentam calejadas, está sendo dominada pouco a pouco e já aponta, como tributo do meu suor e minha perseverança, o começo dos primeiros frutos, cuja colheita me dará a satisfação de não ter sido inutil o meu sofrimento e meu trabalho.

Porque eu te escrevo tudo isto? Não sei. Só sei que tu não poderás fazer uma idéia das dificuldades que um colono passa nos pri-

meiros anos na mata virgem, onde tudo, mas tudo, lhe falta e onde além do esforço físico quase sobrehumano é necessária uma fé inquebrantável na vitória final, para não desanimar logo nos primeiros dias, nas semanas subsequentes e onde se exige uma perseverância estóica anos a fio na obra começada a despeito das adversidades e dos prejuízos causados pelas enchentes, geadas, chuvas e secas e da hostilidade e traição da selva e dos seres que a mesma abriga: insetos, cobras, animais prejudiciais ou ferozes e, para não esquecer, dos bugres. Mas também não compreenderás a satisfação que a gente sente ao apreciar sua roça, sua pequena horta e o rancho primitivo com os toscos "móveis", tudo feito por nossas próprias mãos. Se imagino que daqui ha trinta ou cinquenta anos, netos e bisnetos também já não poderão mais aquilatar como foi duro o começo, quando eles passearem de carro ou transitarem pelas calçadas, trajando vestes festivas, onde hoje de calças arregaçadas e descalços, ficamos atolados às vezes até ao joelho na lama das picadas, sinto-me feliz, gozando a satisfação de que com o meu trabalho e meu esforço lhes dei um lar e uma pátria, em cujo seio poderão progredir e alcançar a independência econômica e a liberdade de ação, que talvez da mesma forma, em minha antiga pátria eu não lhes poderia ter proporcionado. Aqui tudo é virgem, tudo é novo, as forças da natureza ainda não foram dominadas pelo homem, a terra fértil está à espera para receber o tratamento carinhoso do lavrador e a semente por ele lançada, para então presenteá-lo com os frutos que garantem a sua subsistência e formam os alicerces do bem estar e de sua próle.

Já estamos aqui pouco mais de cinco anos e neste ano tivemos o nosso primeiro pinheirinho de natal, Mas não é o pinheirinho alemão „*Abies pectinata*“, mas sim uma árvore com folhas aciculares mais duras, nasce no planalto, a "*Auracária brasiliensis*" e que foi introduzida aqui na colônia pelo próprio Dr. Blumenau que arranjou as sementes da zona serrana. Cresce muito ligeiro e dentro de quatro a cinco anos já pode ser cortada para servir de árvore de natal. Nos anos anteriores nossa árvore de natal era um arbusto ou pequena árvore com galhinhos simétricos e que enfeitamos com pequenas fitas de cores, cortadas de restos de fazenda, com as quais prendíamos aos ramos as flores das múltiplas orquídeas que aqui abundam, e pendurávamos, em falta das costumeiras gulodices (doces, maçãs e peras) as frutas que nascem aqui, como bananas, cachos de uvas maduras e várias frutas silvestres. Também não faltavam as velinhas de cera, pois, além das abelhas domésticas, já introduzidas na colônia, existem ainda aqui nas matas abelhas de várias espécies, que se alojam nos troncos ôcos das árvores e que produzem uma cera escura, mas que serve para fazer velas. Assim, em todos os anos, não deixamos de ter a nossa árvore de natal, mesmo nos tres primeiros anos em que a vida era dura de fato. Mas a festa do Nascimento do Menino Jesus, nos viu em torno da tradicional árvore de natal, reunidos em louvor ao nosso Deus e unidos no propósito de não desanimar e de crer na bondade divina, que nos foi anunciada ha dezoito séculos pelos anjos, com o cântico do GLÓRIA IN EXCELSIS. E neste dia, em que um novo ano despontou no firmamento, encimado pela bela constelação do Cruzeiro do Sul, símbolo da paz neste ceu tropical, quero retribuir os votos de felicidades que nos enviastes com tua carta e dar-te a certeza de que aqui estamos, com a Graça de Deus,

vivendo felizes e contentes, por sabermos que nossos sacrifícios serão para o bem de nossos filhos e para o progresso desta terra que lhes escolhemos para sua pátria, que também já é nossa, pois abriga o nosso lar e nos dá a oportunidade de vivermos em paz e liberdade.

Receba e transmita a todos os teus os abraços afetuosos de teu irmão, que muito te estima,

OTTO

Transcrita em versão portuguesa, para "BLUMENAU EM CADERNOS" por FREDERICO KILIAN.



A NOSSA CAPA

Em comemoração ao sesquicentenário da Colonização Alemã no Sul do Brasil, resolveu a direção de "BLUMENAU EM CADERNOS" ilustrar a capa da revista, com algo que expressasse o significado dessa memorável data.

Com surpresa de nossa parte, a Gráfica 43 S. A. também havia resolvido manifestar a sua satisfação pelo feliz evento e, assim é que, por nimia gentileza do Senhor Bruno Germer, Diretor Presidente da Gráfica 43 S. A. as capas litografadas, nos foram oferecidas gratuitamente até o próximo mês de dezembro.

Somos gratos ao Senhor Bruno Germer, que dirige com proeficiência, uma das maiores e bem aparelhada empresa gráfica no sul do Brasil.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Orgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 20,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

P Á T R I A

Nestor Seara Heusi

Como devemos interpretá-la? Como defini-la?

Os léxicos nessa linguagem que lhes é peculiar, sem arroubo, fria e sucintamente, assim a definem: "... País, vila, aldeia ou província onde se nasce; terra dos pais; país, localidade, terra que se considera a melhor. Nacionalidade. Berço."

Eis como falam os lexicógrafos sobre algo para nós sagrado, de tanta sublimidade. Que tão de perto nos toca o espírito. Que tão intimamente está ligado aos nossos corações e às nossas almas.

Porém de maneira diferente nã-la apresenta o Poeta. E os versos lapidares e puros que a seguir transcrevemos e que ecoam por todos os quadrantes da Pátria, bem o confirmam:

*"Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste:
Criança! Não verás país nenhum como este!
Olha que céu, que mar, que rios, que floresta!
A natureza aqui perpetuamente em festa!*

*É um seio de mãe a transbordar carinhos!
Vê que vida há no chão! Vê que vida há nos ninhos!
Que se balançam no ar entre os ramos inquietos.
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!*

*Vê que grande extensão de matas, onde impera
Fecunda e luminosa a eterna primavera!
Boa terra! Jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha.*

*Quem com o seu suor a fecunda e humedece,
Vê pago o seu esforço, é feliz e enriquece.
Criança! Não verás país nenhum como este!
Imita na grandeza a terra em que nasceste!"*

Assim cantou Olavo Bilac, o príncipe dos nossos poetas. Assim cantamos todos nós, imitando na grandeza a terra em que nascemos!

Lá a definição fria e árida da ciência. Aqui a interpretação quente e fértil da imaginação. Que é alma, que é amor, que é carinho.

Em verdade são as famílias que plasmam a célula-mater da Pátria. Por isso que delas, do seu conglomerado, nascem e crescem os lugarejos, as vilas, as cidades e as metrópoles, que por sua vez geram os Municípios e estes os Estados, de cujo cónjuncto se compõe a Nação.

Logo, é ela — a Pátria — a sede das nossas lembranças mais doces e mais caras: a fonte do nosso trabalho, das nossas alegrias e das nossas dores; a razão maior da nossa saudade, quando choramos a sua ausência; o ninho, em suma, do nosso amor e da nossa felicidade.

Destarte, quando construímos um lar; quando embalamos um berço ou veneramos um túmulo; quando vemos escolas, universidades, oficinas e fábricas; quartéis e academias militares; mercados e empórios; laboratórios, hospitais e asilos; ermidas, igrejas e catedrais; bibliotecas e museus; teatros, estúdios e cinemas. Quando olhamos empolgados montanhas gigantescas; florestas imensas e agrestes; mares bravios e rios caudalosos; montes e vales; vergeis floridos e searas maduras; o regato borbulhante e manso junto da casinha bucólica; os campos sem fim, onde pascem ovelhas e bois onde saltam e correm árdegos corceis; quando admiramos e colhemos flores e frutos; quando ouvimos o gorjeio álacre dos pássaros e o cascadear cadenciado das corredeiras e das cataratas; enfim, quando contemplamos, embevecidos, felizes e orgulhosos, tantas e tamanhas obras e riquezas, tantos e tamanhos encantos e belezas, que traduzem a Obra sublime de Deus e o Trabalho fecundo do Homem, nós estamos contemplando e sentindo, em toda a sua pujança, em toda a sua plenitude, a Pátria estremeçada!

Por ela nós vivemos, Por ela nós lutamos. Por ela nós morremos.

* * *

A 7 de setembro de 1822, ecoou de norte a sul, de leste a oeste, o vibrante grito de "Independência ou Morte". Com ele, o Brasil se tornou Nação livre, autônoma e soberana, lançando por terra o jugo de Portugal.

Hoje, volvidos 152 anos, podemos nos orgulhar do nosso grande País. Grande não apenas pela vastidão de seu território, mas, principalmente, pela bravura, pelo patriotismo e valor dos seus filhos, que, construindo e promovendo a sua grandeza e o seu progresso, o colocaram entre as maiores Nações do Universo.

FRANZ SPERNAU

(Colaboração de HARRY ZÜGE)

Alguns apontamentos da vida de um velho solteirão e pioneiro blumenauense. Sem dúvida alguma podemos chamar a vida do velho "Spernau" mais conhecido por "Onkel Spernau", também como a de um pioneiro. Nascido em Blumenau em 1863 como filho de um dos primeiros imigrantes alemães, dedicou ele juntamente com os seus pais, toda sua vida à lavoura. O velho Spernau, que ficara solteirão a vida inteira, e que o destino quiz que assim fôsse, por natureza, era uma pessoa rude, isto naturalmente devido a vida que levava, forçado pelas circunstâncias de viver sempre sózinho. Já desde criança, aprendera a única profissão, que era a de colono, trabalhando como muitos da época, de sol a sol.

Homem forte, alto, saudavel, e com certeza em consequência de nunca ter feito uso da bebida alcoolica e o cigarro, alcançou a invejavel idade de 86 anos, falecendo portanto há 25 anos em casa dum sobrinho de nome Walter Sachse. O velho Spernau era como se diz, um velho

bonachão, que acredita-se não tinha inimigos, só sabia fazer o bem a quem o procurava. Se um vizinho necessitava de um favor, lá estava ele. Se alguém precisava de dinheiro emprestado, o Onkel Spernau não se negava a ajudá-lo. É claro ele também bem sabia à quem poderia emprestar, pois já que tinha que dar duro na vida, e conseguiu fazer alguma economia, logicamente exigia, e isto com toda razão, a devolução do mesmo. Contudo também não faltavam estes que se aproveitavam da bondade do "velho", porém eram a minoria, e os chamados vivaldinos ainda não perambulavam em tão grande escala soltos. Não poucas vezes quando vizinhos necessitavam de um trabalho braçal em suas roças, solicitaram ao snr. "Spernau" a dar uma mão, e, quando perguntado quanto deviam, a resposta era esta: (em seu alemão grosseiro e simples) das kostet jornsicht, een Nachboar muss man oochi mal Jefallen tun, quer dizer: este meu serviço não lhe custa nada, pois a um bom vizinho também se deve prestar vez por outra um favor. Ora prezados leitores, quem hoje em dia faria, ou pensaria assim. Será mesmo que ainda existam criaturas com esta mentalidade? É de se duvidar. Spernau apesar de pouca instrução, não era contudo um homem bôbo, pois tinha perfeito contrôle sobre si e suas economias. Também falava o português, embora um tanto áspero e atrapalhado, entendia-se com todo mundo.

Contava e lembrava-se em seus mínimos detalhes da maior catástrofe que assolou o Vale do Itajaí, a enchente de 1911, das peripécias que fazia então com a sua canôa. Também chegou a conhecer o fundador da cidade, Dr. H. Blumenau, com quem segundo ele, certa vez convidou a fazer um passeio em sua canôa no Rio Itajaí-Açu.

Em sua vida de solteirão vivia uma vida simples e modesta, porém não passava fome, embora fôsse obrigado a preparar sozinho as refeições. Metade da vida passou ultimamente se alimentando de peixes, os quais, ele como um verdadeiro mestre de canôa, pescava no Rio Itajaí, o qual conhecia tão bem como a palma da mão.

A lenha para o gasto caseiro, era toda pescada nas ocasiões das enchentes no rio Itajaí, e representava uma "reserva", quando casualmente os outros vizinhos estivessem em falta da mesma. Os animais domésticos que faziam parte de seu lar, sentiam o calor de seu coração bondoso, pois, tornaram-se tão mansos e compreensíveis, que só faltava saber falar, eram seus verdadeiros amigos. A modesta casa que ocupava, não sabemos porque, não apresentava sinal de higiene e limpeza. Se varrida foi, isto porém não acontecia com a lavação do soalho, a não ser que vizinhos bondosos, inclusive lembro, eu era pequeno, as minhas irmãs um certo dia antes da páscoa, fizeram uma "limpeza geral" na mesma. "Onkel Spernau" quizera pagar, porém isto foi recusado, pois sabia-se da bondade e do amor ao próximo do velho. A primeira lavação geral do soalho tornou-se necessario, a aplicação de outros instrumentos que restabelecessem o aspecto normal, no entanto a segunda limpeza já foi mais amêna. Se alguém desejava comer algumas frutas, que ele possuía em fartura, ia ao "velho Spernau". Na hora de pedir o preço, das mesmas, embora fosse por questões de cortesia, ou mesmo de maneira hipócrita e fingido, sabia-se de antemão, que a resposta seria negativa, e acrescentava: não custa nada, volte novamente. (Kostet nischt-Widerkommen). E assim sucedia ano após ano.

A mesma generosidade no entanto não se dava com seu irmão Fritz, que apesar de ser homem abastado, possuidor de 20 casas de aluguel à Rua Baía, das quais algumas ainda hoje existem, era do tipo reservado e seguro. Ai daquele que fosse pegado por ele em flagrante ao surripiar uma cana de açúcar, da marca "caiãna", tão gostosa, plantada ao redor da casa, ou roubar umas laranjas que apesar da quantidade existente, não consumi-las todas e preferia deixar apodrece-las. Me recordo dos tempos de escola quando em companhia de outro colega tentamos roubar uma destas canas de açúcar. Era ameaças com a policia, e pedras de todos os lados voando por nossas cabeças.

Felizmente tínhamos pernas para correr. Pedimos então outro dia se pudéssemos ganhar uma cana de açúcar, mas, a resposta foi um categórico NÃO, a não ser se a pagássemos. Porém, aqui ele se enganou e o tiro saiu pela culatra. Alguns dias mais tarde consumamos o nosso desejo. Da família Spernau, todos eles colonos, contribuindo com seu trabalho quotidiano ao progresso de Blumenau, conhecíamos quatro irmãos. São eles: Hermann, Fritz, e Franz, (Francisco) e Anton uma irmã de nome Maria casada com Johann Sachse.

Reputamos contudo como o mais benquisto dos "Spernaus", o velho Franz, que com sua voz e fala cantante, muitas vezes falando sozinho acostumado a solidão, irradiava bondade, felicidade, e sinceridade, prontificando-se sempre quando fôra procurado fazer favores ao próximo. Era um eremita, e não frequentava bailes, festas, diversões e se abstinha de bebidas alcoolicas a não ser o seu vinho de laranja, que vez por outra tomava. Não era muito devotado à religião, e nem grande frequentador de missas, o que não significava que fôsse pagão, ao contrário, de confissão evangélica ele acreditava em seu Deus todo Poderoso.

Vivia segundo seu lema e proverbio de: Tue recht und scheue niemand — faça justiça e não tenha temor de ninguém. — Durante muitos anos vivia sózinho em plena mata virgem na localidade de Salto do Norte, proximidades da atual Via BR-470 - fundos, hoje repleta de casas residenciais e fábricas, cultivando e desbravando terras para que seus sucessores pudessem mais tarde, iniciar, o que ele havia preparado numa luta árdua e cheia de percalços. Bem merecia ser lembrado o nome de "Franz Spernau", hoje praticamente esquecido, como denominação de uma rua, na localidade onde nasceu, viveu, lutou e morreu. Como único esporte que praticava, se assim podemos interpretá-lo, poderíamos citar o da caça, e mesmo este, moderadamente. Abrindo um parêntesis, vamos dizer que a "Caça ou Fauna" existente naquela época em Blumenau e o grande Vale do Itajaí era coisa quasi que inesgotavel, mas, os irresponsáveis e insaciáveis extirpadores da fauna, durante mais de um século não deram tréguas aos indefesos animais e pássaros de toda espécie, para que se pudessem propagar em maior escala, contribuindo para seu lento mas seguro e total desaparecimento. A não ser, que as medidas tomadas ultimamente, sejam cumpridas com todo rigor e drasticidade.

De suas presas de caças entre inumeras, lembramo-nos desta: Contou ele, que certo dia avistou um tigre nos terrenos de sua propriedade, e empreendeu a perseguição ao mesmo. Convidou um dos poucos vizinhos da época, o qual prontificou-se e ofereceu seu cachorro de nome "Phanter", o qual queria usar como "caça-onça". Apesar dos avisos e

conselhos de Spernau, afim de não levar o belo e grande cachorro ao enalço deste temível felino, o snr. E. Jensen insistiu, e assegurou que o seu cachorro era capaz de dar conta do tigre. Bem, realmente o cachorro Panther em pouco tempo descobriu o paradeiro e esconderijo da onça, latiu algumas vezes, voltou ao dono como quem quizesse avisar ou prevenir. Este atçou-o novamente, recomeçou a latir, e, fim, da picada. Uma única patada foi o suficiente para que a inespiciente e coitada da criatura se despedisse do mundo dos vivos. Ao se aproximar minutos após, lá estava deitado já sem vida com a cabeça amassada, o belo "pantera". Então o velho Spernau, homem destemido, procurando e vigiando cuidadosamente o animal assassino, finalmente encontrou-o em cima d'uma arvore um pouco arcada. Olhou, pensou, não hesitando disse: Ah, da bist du Bestie ja, warte nur een bissche. Olá, estais ai, sua besta espere um pouco, já vamos ajustar as nossas contas.

E foi assim mesmo, Onkel Spernau, ergueu o velho "paraguayo" (tipo pica-pau) mirou, e, protegendo-se um pouco atras d'uma arvore levando em conta eventuais surpresas, e, fogo. Um certo tiro de chumbo, foi o que bastou para por fim ao belo mas terrível exemplar. Perguntado, si ele Spernau, não procurou fugir, disse: o tigre deu mais alguns suspiros e assim deu adeus para sempre (Dat Biest jruntze noch eenmol uff, und aus wars, mit ihm). A onça era uma femea e estava acompanhada de um filhote. o qual foi pegado, amansado, e posteriormente vendido para a Alemanha. Desde aquele dia em diante segundo dizem, o snr Ernst Jensen, já ha muito falecido, foi apelidado "Panther Jensen".

De outra feita, acostumado a vida inteira a andar de canoa, embora o RIO estivesse transbordando e saído de seu leito, pescava lenha, pouco se importando com a altura das aguas, eis que em dado momento, talvez por um descuido, sua canoa virou. Levado pelas aguas por alguns metros, conseguiu felizmente se agarrar numa pedra existente no rio, e salvar-se. Tinha que ficar no entanto por muito tempo esperando até, que foi visto pelo snr. Germano Kreutzfeld, o qual também não temendo a correnteza, socorreu-o com sua canoa. Outra vês, agora já algo cambaleando e de avançada idade, por casualidade escutei um grunhido pouco agradável. Não sabendo de que se tratava, resolvi inteirar-me do estranho barulho caminhando até a beira d'um riacho existente nas proximidades de meu terreno. Qual não foi a surpresa e o susto, quando vi alguém meio afundado em pântano e ribeirão, não se podendo mais locomover, e nem mais possuindo forças necessárias afim de se levantar de sua desagradável situação.

Foi Onkel Spernau, o velho tio Spernau, que lá havia caído, por ocasião de verificar a sua rede de pesca no crepúsculo da manhã. Salvei-o é claro, agarrando o ancião meio desfalecido, que aos poucos recuperou as suas velhas energias. Convidando e sugerindo a Spernau que não mais voltasse a pescar no rio devido a sua idade avançada, interrompeu de fato por algum tempo este vício, mas não se podia desfazer totalmente daquilo que representava sua vida. Porém o "velho", foi aos poucos enfraquecendo, e terminou sendo buscado por seu sobrinho Walter Sachse onde passou os últimos anos de sua vida, falecendo aos 86 anos de idade em 1949. Uma boa alma despedia-se para sempre e um coração bondoso, cansado parava de bater.

FALECIMENTO

Irinêu Bornhausen

Vítima de uma parada cardíaca, faleceu aos 78 anos de idade, no dia 11 de agosto, às 7.20 da manhã em sua residência, no Balneário de Cabeçudas, o Senhor Irinêu Bornhausen.

O extinto começou sua carreira política aos 28 anos de idade.

Filho de João Bornhausen e Geta Bittencourt Bornhausen, Irinêu Bornhausen nasceu a 25 de março de 1896, no Município de Itajaí, onde fez o curso primário. Em 1912, aos 16 anos, foi funcionário de Busso Asseburg, antiga Companhia de Navegação e Comércio em Geral, transferindo-se dois anos mais tarde, em 1914, para Curitiba, onde um ano após passou a trabalhar no hotel de Eugênio Cichetti.

Em 1924, quando retornou a Itajaí, foi eleito pela primeira vez conselheiro do município. Em 1927, foi reeleito e, dois anos mais tarde tornou-se presidente do Conselho Municipal. Nesse mesmo ano foi eleito prefeito de Itajaí, mas a revolução de 1930 impediu sua posse.

Em 10 de fevereiro de 1928, casou-se com Dona Marieta Konder Bornhausen. Nesse período ainda, desenvolveu atividades como empreiteiro de obras. Em 1933 foi despachante aduaneiro.

Eleito novamente prefeito de Itajaí, assumiu em 1935 a Prefeitura, permanecendo no cargo até fins de 1938. Com Genésio Lins, Otto Renaux e outros empresários, fundou em 1935 o Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina, chamado de Banco Inco.

Quando terminou seu período na Prefeitura de Itajaí, transferiu-se para o Rio de Janeiro, lá permanecendo de 1939 a 1942. Quando retornou, passou a residir em Cabeçudas,

A extinta União Democrática Nacional (UDN) foi fundada por Irinêu Bornhausen em Santa Catarina, no ano de 1945. Dois anos mais tarde, foi lançado pelo partido como candidato ao governo do estado, mas perdeu para Aderbal Ramos da Silva (PSD). Em 1950, finalmente, concorrendo contra Udo Deeke, foi eleito governador do estado, cargo que ocupou até 1955. Em 1958, foi eleito senador da República, e, em 1960, concorreu novamente ao governo do estado, mas foi derrotado por Celso Ramos. Participou durante muitos anos de várias empresas, destacando-se o Banco Inco, Raimann S.A., Bornhausen e Cia., Cia. Fábrica de Papel Itajaí, Tecelagem Itajaí S.A., Usina de Açúcar Adelaide e Indústrias Gropp. Foi do Conselho da Ford do Brasil, Deltec e Samarco. Casado com Dona Marieta Konder Bornhausen, teve tres filhos: Paulo (casado com Ivete Dalcanalle), Roberto (casado com Rosi Lins) e Jorge (casado com Déa Bornhausen). Deixou oito netos, sendo 4 meninos e 4 meninas.

Repousam em Blumenau os Restos Mortais do Fundador da Cidade

Os festejos em comemoração aos 124 anos da fundação da cidade, tiveram este ano, um cunho todo especial; é que foram trasladados da Alemanha, os restos mortais do Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, fundador de nossa cidade para o mausoléu recém construído pela Prefeitura Municipal.

Já às primeiras horas da manhã, apesar do mau tempo reinante, grande massa popular se aglomerava em nossa principal "arterie" a espera do cortejo que vinha precedido de 17 figuras, personificando os primeiros 17 imigrantes que aportaram à Blumenau.

Várias autoridades federais, estaduais e municipais estiveram presentes, dando um cunho todo especial às comemorações, que contou também com a presença do Exmo, Senhor Governador do Estado.

A Banda Marcial de Petrópolis, deu um cunho todo especial às solenidades.

Transcrevemos a seguir a carta enviada pelo Dr. Blumenau à sua majestade Dom Pedro II em sinal de reconhecimento pelo grande apoio dado pelo monarca ao notável empreendimento. Esta carta vem comprovar o desejo do fundador da cidade, de descansar os seus restos mortais em Blumenau.

S E N H O R !

Vossa Majestade Imperial se dignou ajuntar as muitas provas da sua alta benevolência, com que me tem honrado e distinguido, ainda o presente do seu agusto retrato.

Agradeço com profundo acatamento e de coração tão preciosa dádiva, que ate o fim dos meus dias me será uma das mais caras lembranças em qualquer parte do mundo, a que o bom ou mau fado acaso me levar ainda, hei de legá-lo ao meu filho como estímulo, que lhe ensine que provas tais de benevolência e apreço não se grangeiam e merecem senão por uma longa vida honrada e laboriosa. E esperando e desejando que este atual adolescente no seu tempo volte a esta sua pátria como homem instruído e prestimoso, ousou recomendá-lo a augusta benevolência e proteção de V. M., esperando igualmente que delas se torne merecedor e digno como bom e util súdito de V. M. e cidadão.

Retiro-me profundamente comovido desta minha bela pátria adotiva, em que passei os dias mais felizes, como também os mais tristes da minha vida. Teria desejado deixar um dia minhas cinzas no torrão em que derramei muito suor; mas tenho de curvar-me aos ditames do destino.

Meu derradeiro e intimo desejo, perdendo — e com vivas saudades — de vista o “gigante que dorme”, é que as mais benignas estrelas iluminem ainda por longos, longos anos os preciosos dias de V. M. para felicidade e glória de sua augusta família e da esperançosa terra de Santa Cruz!

De vossa Majestade Imperial o muito reverente e fiel súdito

Hermann Blumenau

No mar, a bordo do Paquete Alemão “Strassburg”. 21 de setembro de 1884.



Homenagem Póstuma

A Academia Catarinense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, prestaram, no dia 31 de agosto último, significativa homenagem ao saudoso Professor José Ferreira da Silva, inaugurando no pátio do horto florestal “EDITE GAERTNER”, uma placa de bronze. Na ocasião, falaram os Acadêmicos Prof. Theobaldo Costa Jamundá e Victor A. Peluso que foram muito aplaudidos pelo grande número de pessoas que compareceram à tocante cerimônia.

A seguir, realizou-se no salão da Biblioteca “Fritz Müller”, uma “Sessão da Saudade” na qual, a figura do extinto José Ferreira da Silva foi rememorada, destacando-se o valor de seu intenso trabalho em prol do desenvolvimento cultural de nossa cidade.

Estiveram presentes, além dos Acadêmicos, a viúva Dona Anita Ferreira da Silva, filhos e demais parentes.

Compareceu, também, à justa homenagem, o Exmo, Senhor Felix Christiano Theiss, D. D. Prefeito Municipal, que no encerramento da sessão, convidou os presentes para um jantar, no Restaurante Moinho do Vale.

BLUMENAU EM CADERNOS é composto e impresso nas Oficinas da
Fundação “CASA DR. BLUMENAU”

ACHEGAS À HISTÓRIA DE GASPAR — I.

Do Que Se Morria Em Gaspar... Antigamente

— Elzeário Schmitt ofm —

O frei da Ordem Franciscana que se assinava “o Padre Henrique Matz O. S. F.”, e foi um dos primeiros vigários estáveis nos instáveis primórdios de Gaspar como paróquia independente, registrava, com requinte de letra e tinta de qualidade, a “causa mortis” de inumeráveis paroquianos seus levados a enterrar no primitivo pequeno cemitério. Este “Primeiro Livro dos Óbitos da freguezia de S. Pedro Ap. de Gaspar 1867-1895”, hoje uma das relíquias do precioso arquivo daquela igreja, na realidade foi quase todo ele escrito pelo frei Henrique (folhas 16 a 145), envolvido em manifestos problemas de ortografia e expressão, e que não eram bem os da língua materna de um sacerdote importado da Prússia. Exigências curiais da época impunham-lhe também este desafio, além de outros. Venceu-o com galhardia e espirituosidade — que lhe perdoem os mortos.

Ao respigar as datas certas de falecimento dos patriarcas DESCHAMPS (Nicolau I e Nicolau II), vindos da Colônia de São Pedro de Alcântara, e que estão na origem de uma das mais numerosas e ilustres famílias gasparenses, deparei com muitas destas anotações fúnebres do frei Matz, relativas a algumas centenas de falecidos. Embora Deschamps I, de noventa e um anos, tenha falecido “de avançada idade”, a 23/1/1887 (*folhas 88, n.º 3*), e seu filho Deschamps II, com sessenta e três anos, tenha morrido de “ética” (hética-tuberculose), em 28/10/1880 (*folhas 51, n.º 39*), muitas outras pessoas deixaram esta vida em Gaspar marcadas por complicações últimas as mais variadas. Tal qual expressão e ortografia de frei Matz, que médico não era, anotem-se algumas das “causae mortis” as mais diversas por ele descritas, algumas ainda hoje muito em voga, já outras hoje menos conhecidas. / Morreu:

de uma casa que lhe caiu em cima | queimadura de fogo | dentada de cobra | moléstia de inflamação | enxume nas pernas | cambra de sangue | mal de terra | inflamação no interior | de hum tiro que lhe atirarão | etropesia | de inundação | de malina | de morte desconhecida (esta expressão volta muitas vezes, depois corrigida para “doença desconhecida”) | moléstia de ar | ataque de bixos (se feras, se abelhas, se bicha de criança, não se sabe) | de morte natural | malina de sangue | de um tiro | de opilação | de chagas | de pontada | ataque de lombriça | de tropesia | de bixigas | moléstia de fluxu | de pau que lhe caiu em cima | esmagado num engenho de fabricar farinha | de um ataque furioso | de espinha da lua | de uma moléstia na boca (por coincidência, o nome desta falecida era Delícia | de enchume | de morte casual | por arma de fogo atirada pelo próprio | de febre dinâmica complicada | de angina diphthente (!) | febres de mau carater | sendo a causa da morte: gasolinho,

Estas e várias outras anotações funerárias, que avizinham o

trágico ao cômico — o que na História da Humanidade nunca foi coisa nova —, repetem-se nas 130 folhas dos Óbitos já acima assinaladas. Se muitas vezes o povo repete a Igreja, menos verdade não é que a Igreja também repete o povo: esse frei Henrique limitava-se, certamente, a registrar o motivo da morte assim como o colhia da boca dos declarantes, ficando a sofisticada ortografia por conta do padre, mais conhecedor das letras, menos conhecedor do policromado rol das causas que podiam levar à morte brasileiros e colonos então residentes às margens deste trecho do rio Itajaí...

Até ao último registro de enterro por ele escrito, a 31 de julho de 1894, o de nº 39, folhas 145, não tremeu a letra do frei Henrique Matz. Estava com 55 anos de idade, mas provavelmente já enfermo: nos dois últimos registros já não conta mais a observação "antes por mim encomendado", o que ele invariavelmente fazia, mesmo que se tratasse de "inocentes". A última vez que acompanhou até ao cemitério um funeral foi o de nº 36, folhas 145, a 6 de julho de 1894. O primeiro registro de óbito feito pelo seu sucessor, Gabriel Krömer, também da O. S. F. tem a data de 15 de agosto de 1894, o de nº 40 daquele ano, estabelecendo-se aí no livro um hiato de apenas 15 dias. E apenas uma folha após o último assentamento de funeral feito pelo frei Henrique, está o de sua própria morte, o qual vem aqui transcrito, não apenas pelo seu interesse religioso, mas até mesmo histórico, em todo o caso muito humano:

f/146, nº 44. "Aos oito dias do mes de Outubro de mil oitocentos noventa e quatro nesta Freguesia de São Pedro Apostolo de Gaspar faleceu da vida "presente da molestia de inflamação do coração tendo recebido os Sacramentos da Penitência, Eucharistia e Extrema Uncção Henrique Matz, natural de Westpreussen (Prússia Ocidental), Vigario desta Freguezia de São Pedro Apostolo de Gaspar, tendo também a provisão das Freguezias Itajahy e Camboriú com cincoenta e cinco anos de idade, o qual foi encomendado e acompanhado pelos Padres Rogerio Neuhaus, Gabriel Krömer e Solano Schmitt do Convento Franciscano de Blumenau e mais Clerigos e Frades do dito Convento para ser inhumado no Cemitério desta Freguezia. O fallecido foi da Ordem de S. Francisco de Assissi (!) e foi expulso da Prússia nos turbulentos tempos do "Kulturkampf" por causa de não ter consentido às leis impias do Governo; chegou ao Brazil e viveu como Presbytero secularizado, o qual foi nomeado Vigario de São Pedro Apostolo de Gaspar, onde foi dezanove annos. E para constar, fiz este assento, que assigno. P. Gabriel Krömer O. S. F." O mesmo declarante escreveu posteriormente umas notas à margem, que dão o padre ou frei Henrique Matz como nascido em 15/8/1839 na diocese de Culm, havendo ingressado na Ordem Franciscana em 1865, votos solenes em 1869, sacramento da Ordem em 1870. Dificil será, senão impossível, encontrarmos, em toda a história da paróquia católica de Gaspar, um sacerdote que a tenha governado durante mais tempo. Os primeiros que ele batizou em Gaspar hoje estariam com 98 anos; os últimos que batizou, se vivos forem, estão nos 80 anos.

Gaspar SC, setembro 1974

JOSÉ FERREIRA DA SILVA

Edmundo Acacio Moreira

Deixei que autênticos homens de letras os amigos mais próximos de José Ferreira da Silva rendessem homenagem à sua memória para acrescentar a minha. No campo das letras sou apenas diletante, pouco tendo avançado da fase do hipocorístico.

Li, com unção, em "Blumenau Em Cadernos", fascículos de JANEIRO/FEVEREIRO, e no de MARÇO, epidécios que assinalam as qualidades de caráter e de inteligência que exornavam a personalidade do homenageado. Epidécios, digo, pois têm a tessitura de belos discursos ou inspiram comovidos versos de saudade.

José Ferreira da Silva consagrou sua vida à defesa impertérrita dos interesses de Blumenau e do Vale do Itajai. Absorvido pelo meio, integrando-se às suas coisas, estudioso de seus problemas, aprendendo a luta insana de Hermann Blumenau e dos primeiros imigrantes que procuraram penetrar em Blumenau, enveredou para a pesquisa histórica. Aprofundou-se nesta seara que exaure as energias, reclamando horas de intenso labor. E, incontido, não se limitou aos horizontes municipais. Foi além: procurou comunicar-se com os parentes e amigos do fundador de Blumenau e de Fritz Muller e deixou muita luz em pontos obscuros.

Nada lhe escapou: a ideologia de cada qual, seu grau de cultura, formação religiosa, aspirações.

Parodiando frase que foi empregada ao Cardeal Casaroli poderia escrever: "A tenacidade dos chineses é infinita, mas a de José Ferreira da Silva, tratando-se de Blumenau, é eterna".

Convencido, porém, de que é dever do cidadão cuidar das questões administrativas do município, ele participou, com afinco, das lutas políticas para que fossem eleitores os que apoiavam os seus projetos de engrandecimento da comuna. E esteve à testa da Prefeitura Municipal, revelando-se administrador de eficiência notória.

Os que ilustraram "Blumenau Em Cadernos", exemplares acima apontados, pondo em relêvo a sua obra, descreveram todas as facetas de sua personalidade "múltipla e ao mesmo tempo singular". Resta-me testemunhar fatos desconhecidos dos mais jovens, eu que estou na idade propecta. Refiro-me ao tempo em que José Ferreira da Silva residiu na cidade do Rio de Janeiro. Naquela cidade é que o conheci, quando era estudante de Direito. Foi-me apresentado pelo saudoso amigo e arguto estadista Adolpho Konder. Na ocasião estava presente Nestor Vitor, amigo íntimo do Dr. Adolpho. Dessarte, Ferreira da Silva e eu tornamo-nos amigos pessoais, bem como amigos de escritor paranaense, cujo idolo era Cruz e Souza.

Na então Capital da República, aquele de quem faço o panegírico, não ficou inativo. Colaborava na GAZETA DE NOTÍCIAS

que, a época, era o timão literário, e em outros jornais e revistas. O que não impediu que ocupasse boa margem de tempo com os estudos históricos e a publicação de memórias, ensaios, bem recebidos pela rigorosa crítica carioca.

Como catarinense orgulhava-me, ao apreciar o êxito de um co-estadoano na cidade que era e ainda é o cérebro do Brasil. Nos meios cultos também pontificava o catarinense, General Liberato Bittencourt, que era completamente arredo, pois exercia o magistério em vários estabelecimentos.

As amizades minhas e as de José Ferreira da Silva tornaram-se comuns: Virgílio Várzea, Afonso Várzea, Coelho Neto, Max Fleiuss, Dinis Júnior, João do Rio, Peregrino Júnior, Edmundo da Luz Pinto, Violeta Coelho Neto, Gilberto Trompowski, Jackson de Figueiredo, Lima Barreto, Pedro Calmon — a lista seria longa...

Com o decurso do tempo foram surgindo amizades novas, como Viriato Corrêa.

Ao regressar a Santa Catarina, encerrado o curso jurídico, perdi o contacto com José Ferreira da Silva. Nossos encontros tornaram-se esporádicos, restando-me a alegria “de ter acampado num desses bivênios da amizade, que são, certamente, as melhores coisas que levamos”.

Imorreioira a sua iniciativa fundando o Museu e Biblioteca Fritz Müller, não esquecendo, como proclamou Monteiro Lobato, que “um país se faz com homem e com livros”.

— Ultimamente, José Ferreira da Silva, com evidente sacrificio, participava das sessões da Academia Catarinense de Letras. Pontual. À tarde, na hora designada, lá estava o admirável confrade. Regressava a Blumenau ao anoitecer. Homem de letras até a medula não se contentava em lançar livros. Fundou “BLUMENAU EM CADERNOS” para dar maior realce aquele município e ao Vale do Itajaí, seu cosmos. E não só isso, Estimular jovens intelectuais daquele Vale para deixar discípulos. Alias, em Blumenau, parece-me que havia um pacto quadripartido para dar-lhe proeminência não só nas fronteiras deste Estado como para que sobressaísse no país. E, impor a magnitude de Blumenau a Santa Catarina e a todos os recantos do país. José Ferreira da Silva, Vitor Konder, Pedro Silva, Amadeu Luz, podiam divergir em seus programas, mas convergiam nessa campanha de que eram os paladinos. No antigo Blumenau, aonde fui algumas vezes, hospedando-me no Hotel Holetz, ainda alcancei Curt Hering, Cel. Feddersen, Caetano Deeke, o Deputado Petrelli, que eram paradigmas de idêntica luta.

Muito fiel às suas amizades, Ferreira da Silva, no intervalo de uma das sessões daquele douto sodalicio, revelou-me uma das suas maiores preocupações: relembrar a figura de Otaviano Ramos, poeta nascido na cidade de São José e que fôra durante oito anos, Diretor dos Telegrafos em Blumenau, e com quem trocava idéias freqüentemente. Ambos fundaram jornal cidadão e honraram a imprensa catarinense com as suas preciosas colaborações.

— A palavra empenhada foi cumprida. Ferreira da Silva, propriamente, não proferiu uma conferência. Lançou verdadeiro livro, em

mimiografo, inserindo, em apêndice, poesias de Otaviano Ramos. E informa, em certa página, a respeito do poeta josefense: " Apesar de ser um tipo alegre, de uma alegria ponderada, sem exageros de voz e de gestos, Otaviano tinha mesmo pouco que contar.

Sua vida transcorrera despreocupada, entre o estudo, os deveres da profissão que abraçara e os seus sonhos de poeta, que só mesmo almas afinadas pelo mesmo diapasão de sensibilidade saberiam interpretar e compreender. Não eu, que não me atrevi nunca a fazer versos, nem mesmo nos recuados anos em que, de calças curtas, cabelos emplastrados de brilhantina, repartido ao meio, fincava-me, faceiro e apaixonado, por horas inteiras, numa esquina da rua Tiradentes, prêsse aos olhos azuis e às tranças loiras da filha de um padeiro, do meu primeiro amor".

Assoalhei, no início, que não sou homem de letras. Entretanto, a literatura sempre me seduziu. Não fora a atividade política e a advocacia, que não concedem indúcias, e não poderia fugir à minha propensão. Por isso, estou me excedendo invadindo a esfera dos privilegiados de Deus, que são os poetas, prosadores e artistas, que dão ao mundo a tonica para suportar a vida.

E por que ultrapassei os limites prometidos ?

Para dar uma pálida idéia do estilo limpido, fluente, sem abusar de atavios e europeis, mas nem por isso menos empolgante, de José Ferreira da Silva, de seu poder descritivo que prende o leitor do começo ao fim.

Eis uma de suas páginas na conferencia acerca de Fritz Müller, denominada "ENTRE A ENXADA E O MISCROSCOPIO": "Naquela manhã Fritz levantou-se cedo, como de costume. Foi até o regato próximo, de águas cristalinas a correr, rumorejante, por entre touceiras de inhame, em cujas fôlhas largas e concavas grandes gotas de orvalho cintilavam aos primeiros albores da madrugada.

Lavou o rosto magro, passou as mãos pelos cabelos ralos e pôs-se a fitar a mata próxima, onde um bando de monos. de pêlo russo e longos cavanhaques, fazia infernal algazarra. Periquitos de cabecinhas vermelhas e irriquetos, rolam as bagas amarelas e cheirosas dos araçãs silvestres, enquanto do fundo da mata, vinha o pio estridente do inambú cauteloso.

Era uma das manhãs de dezembro cheias de sons e de vida, em que toda a natureza parecia em festa, exuberante e farta, feliz na contemplação da obra realizada, de fecundante atividade. Os pássaros e as flôres já haviam cumprido o destino de perpetuar-se na descendência gloriosa e com os insetos e os animais todos, hauriam na tranquila e morna quietude da paisagem, nova vida e novas forças, em meio a deslumbramentos de côres e de sons". "Os primeiros raios de sol, davam tons de verniz às flôres roxas dos jacatirões, espalhados pelas elevações para além do chão negro da última queimada, ainda coberta de cinzas, mas onde o milharal já despontava de um verde profundo, carregado de promessas de abundância. Fritz Müller contemplava tudo aquilo, sentindo-se a criatura mais feliz e mais livre do mundo."

Linhas adiante: "Que importava que sua morada fôsse coberta de fôlhas de palmitos, tivesse as paredes de ripas ligadas por longas tiras

de cipó-imbé, que o vento e a chuva penetrassem pelos interstícios do ripado e que a mesa, que servia para as refeições e para escritório, não fôsse mais do que o fundo de um caixão e que outras pequenas caixas servissem de cadeiras. Que importava que ele tivesse de amargar, de sol a sol, ao cabo do machado ou da enxada, para arrancar da terra, com o suor do seu rosto, o próprio e o sustento da família?

Tudo isso nada representava diante da paz que lhe inundava todo o ser”.

Depois que Ferreira da Silva já havia partido para o insondável, anotei, de escritor incógnito, alma irmã da sua, o seguinte escrito: “Diriamos um extenso vale entre duas elevações. Uma suave, outra mais abruta.

Um perfil assimétrico testemunha um longo, um milenar trabalho geológico.

Do alto contemplamos uma densa vegetação, espargida em tonalidades de matizes variegados, denunciando, as depressões, os percursos cavilosos dos correjos travessos, contorcendo-se entre o colorido da mata.

Ao fundo um rio majestoso, conscio de sua escultura, esculpida em contornos suaves, num trabalho paciente ao preparar de um relevo apropriado.

O rio movimenta-se lento, tortuoso, em sinuoso leito, para permanecer o mais que pudesse. A simbiose cidade-rio”.

— Com a morte de José Ferreira da Silva parecia repetir-se o verso de Gabriel Danunzio, que alguém trouxe à tona: “o crepusculo rola em quedas de silêncio e de luz”.

Eis, porém, que acorrem os seus discipulos e amigos e continuam a conduzir o lábaro. Blumenau não ficou em silêncio e as escuras. A luz prosseguiu para ganhar aquele céu. Deixo de citar nomes, pois não seria justo omitir algum. Ligados como estão, de modo indissolúvel, aos mesmos alcandorados ideais.

F. C. Allende, Gustavo Konder, Arnaldo Brandão, Nereu Corrêa, assíduos. Oswaldo Rodrigues Cabral, Gustavo Neves, Walter Piazza, Theobaldo Costa Jamundá, Vitor Peluso, Evaldo Pauli, desta Capital, assumiram o compromisso de colaborar em “BLUMENAU EM CADERNOS”, que, segundo prevejo, será uma revista catarinense, circulando no país inteiro, mantendo o cunho original.



Declarada de Utilidade Publica

Pela Lei Nº 2028, de 4 de Setembro do ano em curso, foi declarada de utilidade publica, a Fundação “Casa Dr. Blumenau”

BLUMENAU EM CADERNOS respeita a ortografia de seus colaboradores

As Enchentes no Vale do Itajaí

J. FERREIRA DA SILVA

Este trabalho, terminou-o o saudoso J. Ferreira da Silva, dias antes de falecer, vítima de um acidente automobilístico, em 30 de Dezembro de 1973. Visto tratar-se de um trabalho bastante longo, vamos publicá-lo em partes.

- I -

Em todo o transcurso da história catarinense, nenhuma calamidade tem causado tantas apreensões, tantos sustos e prejuízos aos habitantes do Vale do Itajaí, como as cheias periódicas do grande rio, captador das águas de uma região de mais de 12.000 km² da superfície do Estado catarinense.

Formado por dois grandes rios, o do Sul e do Oeste, o Itajaí Açu toma essa designação da confluência desses dois rios em diante, e, seguindo rumo leste, rasga os íngremes contrafortes ocidentais da Serra do Mar e vai desaguar no Oceano Atlântico depois de um curso de 196 quilômetros através parte dos territórios dos municípios de Rio do Sul, Lontras, Indaial, Ascurra, Blumenau, Gaspar, Ilhota e Itajaí.

Um pouco abaixo da junção dos rios do Sul e do Oeste, o Itajaí recebe, pela margem esquerda o seu maior afluente, o Braço do Norte ou Rio Hercílio, como passou a chamar-se nos começos deste século. Aqueles dois braços drenam, para o Itajaí Açu, as águas de uma vasta região muito acidentada, banhada por infinidades de rios e ribeirões, mais ou menos volumosos, que desaguam no Taió, no Trombudo, no das Pombas, para citar apenas os maiores.

Mas é sobretudo a bacia do Hercílio, dado o volume de água que joga no leito do Itajaí Açu, o maior responsável pelas enchentes que, pelos anos a fóra, tem flagelado as populações ribeirinhas, causando elevados prejuízos materiais e perdas de vidas preciosas.

Dado esses constantes desfalques na riqueza pública e particular dos municípios citados, o governo Federal, pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento tem tomado a si o encargo de reduzir, se não acabar de vez, com o perigo constante das enchentes do Itajaí.

Infelizmente, não se começou o trabalho por onde seria mais aconselhável, em face da experiência, das estatísticas e dos estudos procedidos por técnicos e homens práticos da região.

Terminada a barragem do Taió e já em adiantamento a de Rio do Sul, deu-se no ano de 1973, a maior enchente do Itajaí-Açu destes últimos 16 anos, demonstrando-se, mais uma vez, a razão opinante da prioridade das obras pela barragem do rio Hercílio.

Neste ligeiro trabalho, entretanto, desejamos, apenas, contar um pouco da história das enchentes provocadas pelo Itajaí-Açu. Os engenheiros, técnicos e sanitaristas que tratam de sua contenção.

A primeira notícia que nos dão os documentos do Arquivo Histórico de Blumenau sobre as cheias do Itajaí é a referente à enchente verificada em Março de 1851.

Temos poucas informações a respeito desse acontecimento. O "Diário" da Colonia, deixado por Reinoldo Gaertner, sobrinho do Dr. Blumenau, assim o consigna:

"Março trouxe as primeiras sérias contrariedades. Grandes chuvas provocaram a 15 deste mês uma enchente do Itajaí que cobriu as plantações mais baixas, danificando seriamente o engenho e carregando com muita madeira que já estava serrada."

Nesse ano, a população de Blumenau se resumia a umas duas dezenas de imigrantes alemães, não contando poucas centenas de nacionais e colonos alemães vindos de S. Pedro de Alcântara, espalhados pelas margens do Itajaí em Belchior, Pocinho, Ilhota, etc.

Considerado essa pequena população e que a zona mais sujeita às cheias era justamente entre as confluências dos ribeirões da Velha e do Garcia, onde o Dr. Blumenau estabelecera a sede do seu estabelecimento, os prejuízos causados por esse primeiro transbordamento do Itajaí foram realmente enormes. Por cartas do fundador sabemos do profundo desânimo de que ele se sentiu tomado diante do seu engenho de serrar madeiras, recentemente construído na barra do ribeirão da Velha, completamente destruído, parte carregada pela violência das águas.

Que altura teria atingido o nível do rio nessa oportunidade?

(*Continua no próximo número*)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

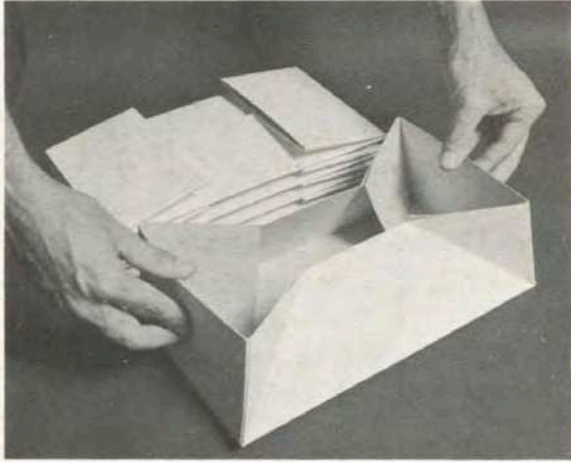
Tipografia e Encadernação.

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

Conselho Curador: *Hercilio Deeke* - presidente
Edison Müller - vice-presidente

Membros: *Christiana Deeke Barreto* - *Elimar Baumgarten* - *Dr. Carlos Goffejé* - *Augustinho Schramm* - *Isolde Hering d'Amaral*.

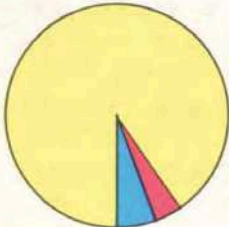
SCHNELL + VERPACKUNG =
a embalagem rápida



REVEJA SEUS CONCEITOS TRADICIONAIS A RESPEITO DA MELHOR EMBALAGEM PARA O SEU PRODUTO, POIS QUE SURTIRAM NOVIDADES.

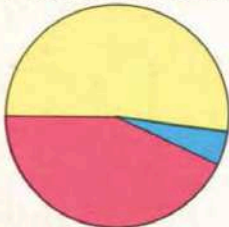
O SISTEMA DE EMBALAGENS DE ARMAÇÃO AUTOMÁTICA JÁ É MUITO DIFUNDIDO NA EUROPA, ESTADOS UNIDOS E JAPÃO; NO BRASIL NÓS SOMOS PIONEIROS E SEGURAMENTE AS EMBALAGENS "SCHNELLPACK" PODERÃO RESERVAR AGRADÁVEIS SURPRESAS PARA SUA EMPRESA.

VOLUME



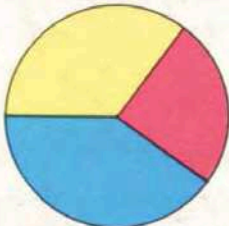
REDUÇÃO DO ESPAÇO NECESSÁRIO PARA ESTOCAGEM

PRODUTIVIDADE



ACRÉSCIMO DE PRODUTIVIDADE NO PROCESSO DE EMBALAGEM DO PRODUTO

CUSTOS



CUSTOS INFERIORES

- CXS. RÍGIDAS ARMADAS
- CXS. DESMONTÁVEIS
- CXS. NO SISTEMA "SCHNELLPACK"

PARA EFEITO DE COMPARAÇÃO, UTILIZAMOS UMA EMBALAGEM HIPOTÉTICA DE TAMPA E FUNDO COM DIMENSÕES DE 30x25x6 cm

